ISSN - 2175-6600

Vol.17 I Número 39 I 2025

Submetido em: 07/12/2024 Aceito em:05/04/2025 Publicado em: 10/06/2025

Memórias de professores (as) ribeirinhos (as) do campo: formação, docência e vivência na/da escola

Memories of rural riverside teachers: training, teaching and experience at/at school

Memorias de docentes rurales ribereños: formación, enseñanza y experiencia en/en la escuela

Rosenildo da Costa Pereira[1]
Vivian da Silva Lobato[2]

https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe18745

Resumo: O artigo é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado iniciado em fevereiro de 2024 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação, vinculado a linha de pesquisa Educação, Estado e Territorialidades - PPGCITE da Universidade Federal do Pará (UFPA), *Campus* de Abaetetuba, que teve como proposta resgatar as memórias de professoras/es ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba, nos anos de 1970. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com enfoque nos estudos sobre memórias, embasados nos escritos de Ecléa Bosi (1979), Lobato (2014), Pacheco (2013), entre outros, que embasaram o trabalho com as professoras entrevistadas. O trabalho aponta para a necessidade do registro histórico do trabalho docente iniciado por essas professoras nas suas respectivas comunidades, bem como, mostra como elas foram importantes para a educação/escolarização dos sujeitos das comunidades, dado a inexistência de escolas nas comunidades nesse período histórico do país, momento em que a educação era privilégio de poucas pessoas, principalmente dos moradores dos grandes centros urbanos.

Palavras-chave: Memórias. Professoras ribeirinhas. Prática docente. Escola rural.

[1] Filiação institucional: Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios, Identidade e Educação-PPGCITE, Campus Universitário de Abaetetuba e Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba-Pará. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7733457193346475. Orcid: http://orcid.org/0000-0001-87475276. Contato: rosenildopereira@gmail.com

[2] Filiação institucional: Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios, Identidade e Educação-PPGCITE, Campus Universitário de Abaetetuba Lattes: http://lattes.cnpq.br/8153247121237657. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9501-0222. Contato: vivianlobato@ufpa.br

Abstract: The article is the result of post-doctoral research that began in February 2024 within the scope of the Postgraduate Program in Cities, Territories, Identities and Education, linked to the research line Education, State and Territorialities - PPGCITE at the Federal University of Pará (UFPA), Abaetetuba Campus, which aimed to rescue the memories of riverside teachers on the islands of Abaetetuba, in the 1970s. This is qualitative research, focusing on studies on memories, based on the writings of Ecléa Bosi (1979), Lobato (2014), Pacheco (2013), among others, who supported the work with the teachers interviewed. The work points to the need for a historical record of the teaching work initiated by these teachers in their respective communities, as well as showing how they were important for the education/schooling of the communities' subjects, given the lack of schools in the communities in this historical period of the country, at a time when education was the privilege of few people, especially residents of large urban centers.

Keywords: Memories. Riverside teachers. Teaching practice. Rural school.

Resumen: El artículo es resultado de una investigación posdoctoral iniciada en febrero de 2024 en el ámbito del Programa de Posgrado en Ciudades, Territorios, Identidades y Educación, vinculado a la línea de investigación Educación, Estado y Territorialidades - PPGCITE de la Universidad Federal de Pará (UFPA), Campus Abaetetuba, que tuvo como objetivo rescatar la memoria de los profesores que vivían en la ribera de las islas de Abaetetuba, en la década de 1970. Se trata de una investigación cualitativa, centrada en estudios sobre la memoria, basada en las ideas de Ecléa Bosi (1979). Lobato (2014), Pacheco (2013), entre otros, quienes apoyaron el trabajo con los docentes investigados. El trabajo apunta a la necesidad de un registro histórico de la labor docente iniciada por estos docentes en sus respectivas comunidades, así como mostrar cómo fueron importantes para la educación/escolarización de los sujetos de las comunidades, ante la falta de escuelas en las comunidades. en este período histórico del país, donde la educación era privilegio de pocas personas, principalmente residentes de los grandes centros urbanos.

Palabras clave: Recuerdos. Profesores ribereños. Práctica docente. Escuela rural.

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela trajetória da educação nas ilhas de Abaetetuba surgiu a partir de um diálogo, ou melhor, uma entrevista com o Senhor Raimundo Clemente Ferreira Pereira[3], que participou, da pesquisa realizada junto a ribeirinhos quilombolas da Ilha de Campompema, município de Abaetetuba, quando na ocasião de outro trabalho de investigação intitulado Saberes das Águas da Amazônia.

Passando-se três anos, reacendemos/aguçamos o interesse e a tarefa de investigar a educação escolar nas ilhas de Abaetetuba, com base nas memórias dos professores (as) do polo 07[4]. Como essa educação acontecia? Quem eram os professores principiantes? Com base nestes questionamentos é que o presente estudo se desenrolará.

O diálogo com o Senhor, Raimundo Clemente Ferreira Pereira, em 2020, nos fez redefinir outra pesquisa que estava organizando, qual seja, de investigar a memória de dois professores ribeirinhos da ilha Campompema, o Abdias Silva e a Maria das Graças Santos Pereira).

[3] Tal entrevista consta na íntegra no corpo deste artigo, com data do ano de 2020.
[4] Divisão administrativa feita pela Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz da Diocese de Abaetetuba que organiza as comunidades ribeirinhas e quilombolas locais, em forma de Pólo/setor, onde são agrupadas em cada setor/polo as comunidades interligadas por seus territórios.

Quando em 2023, ao dar início a pesquisa, contatamos inicialmente o ribeirinho entrevistado em 2020 que, outrora, relatou sobre a educação nas ilhas de Abaetetuba, aproveitando o diálogo junto a ele, instiguemo-los sobre a história da educação escolar em contexto rural-ribeirinho local. Quem eram os professores/professoras, suas origens e onde poderia encontrá-los.

Durante a conversa com seu Raimundo Clemente Ferreira Pereira, nos relatou que, ao todo, eram 10 professores/as[5] que iniciaram a educação nas ilhas, detalhando algumas dessas ilhas como: Campompema, Acaraqui, Tucumanduba, Anequara, Sapucajuba. De posse das informações, por ele me/nos dada, a segunda tarefa empreendida foi localizar esses docentes.

É importante destacar que os dez (10) professores/as foram contratados pelo então prefeito municipal da época (em 1977) para desenvolverem o trabalho docente junto aos ribeirinhos de, pelo menos, das 10 ilhas de origem desses professores (as). Entretanto, bem antes disso, algumas delas já trabalhavam com a docência nesses territórios de forma voluntária (1972-1973, como, por exemplo, a professora Davina Santos de Carvalho, mas dois anos depois foram (1974-1976) vinculados a Diocese e haviam sido contratados pelo Bispo de Abaetetuba, Dom Ângelo Frosi.

Na década de 1970, os ribeirinhos, por meio de uma organização social encabeçada pela Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz, entidade responsável pela organização das igrejas católicas nas ilhas, e também de apoio e orientação aos ribeirinhos quanto a organização social e política, foram até a prefeitura municipal local solicitar que a administração contratasse professores ribeirinhos, indicados pelos moradores das ilhas em conjunto com a paróquia das ilhas, para atuarem na formação/escolarização de crianças, adolescentes e jovens até então sem frequentar escola formal.

A partir dessa demanda, o poder executivo contratou 10 professores/as[6] para a desafiadora tarefa de ensinar na Amazônia. Assim, o presente artigo de pesquisa de Pós-Doutorado insere-se na linha de pesquisa **Educação, Estado e Territorialidades** do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios, Identidades e Educação da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Abaetetuba, com o intuito de fortalecer, significativamente, esta linha de pesquisa do PPGCITE. O presente artigo versa sobre a memória da educação e dos professores (as) que iniciaram o trabalho docente nas ilhas,

[5] Raimundo Clemente Ferreira Pereira, me disse em conversa informal os nomes de algumas dessas professoras, a saber: Maria das Graças Santos Pereira, Davina Santos de Carvalho etc.
[6] A certidão de tempo de serviço de uma das professoras comprova a contratação pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba.

na década de 1970, período em que esses (as) professores (as) atuaram, mas, especificamente, com a docência nas ilhas.

As teorias sobre memórias no campo educacional surgiu em contexto brasileiro a partir de meados de 1979, com a publicação do livro clássico **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, de autoria de Ecléa Bosi, onde destaca que "Memória é reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição, pois lembrar não é reviver, mas refazer, logo os recordadores é, no presente, trabalhadores" (1979, p. 55). Entretanto, os estudos sobre a temática tem ganhado destaque "nos anos 70, tornou-se intenso nas ciências humanas e isso nos dá o que pensar" (Bosi, 1993, p. 277).

Deste modo, o artigo tem como objetivo de resgatar as memórias de professoras/es que iniciaram a educação nas ilhas do município de Abaetetuba, considerando as dificuldades e desafios que enfrentavam cotidianamente em suas salas de aulas, dado a dificuldade de escolas sem prédios próprios, turmas multisseriadas, falta de formação para leciona-las etc, e "O único modo correto de sabê-lo é levar o sujeito a fazer sua autobiografia. A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É sua memória" (Bosi, 1979, p. 28).

Assim, os estudos sobre memória de Ecléa Bosi contribuirá significativamente com a pesquisa, uma vez que traz muitos dados importantes para se compreender a memória de quem possa ser, é claro que no livro discute memória de velhos, objeto de estudo próximo do qual vou pesquisar, uma vez que o recorte temporal são os anos 70, cujo objetivo é resgatar as memórias de professoras/es ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba, nos anos de 1970.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa usa como linha de investigação metodológica a história oral, que de acordo com Portelli (2016, p.10):

> Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas concriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista [...] (Portelli, 2016, p. 10).

Utilizar-se-á o aporte teórico da história oral para resgatar a memória de professores sobre o que era ser professor (a), a escola, o ensinar, o currículo frente às dificuldades e

desafios enfrentados por esses professores para efetivar a educação aos sujeitos ribeirinhos locais e fazer com que estes permanecessem frequentando à escola, na década de 1970, também serão usados documentos para cotejar a história e a memória da educação nas Ilhas de Abaetetuba.

Como técnica de produção de dados, apropriamo-nos da entrevista[7], com foco em referencial teórico da história oral, não somente, a fim de historicizar o conteúdo de memórias de professores ribeirinhos das ilhas de Abaetetuba, sendo a entrevista um instrumento em que permite o contato diretamente do pesquisador com fontes orais, pois,

> [...] a situação de entrevista institui uma bipolaridade dialógica, dois sujeitos face a face, mediados pelo emprego estratégico de um microfone. Em torno desse objeto os dois se olham. A ideia de que existe um "observado" e um "observador" [...] enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A "entre/vista", afinal, é uma troca de olhares (Portelli, 2016, p. 20).

A pesquisa de campo, neste estudo, possibilitará o contato frente a frente com os interlocutores investigados, mediados pelo observar um ao outro e, principalmente pela troca de diálogos de quem faz perguntas de pesquisa (pesquisador) e de quem a responde (entrevistados). Trata-se de um trabalho "ombro a ombro com o sujeito da pesquisa" (Bosi, 1979, p. 2). Assim, nesta pesquisa, iremos ser:

> [...] ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sujeito enquanto indagávamos, procurávamos saber. Objeto enquanto ouvíamos, registrávamos, sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória de alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças (Bosi, 1979, p. 2).

No caso particular desta pesquisa trabalhamos com a entrevista junto aos professores (as), como suporte metodológico da pesquisa, que me auxiliará enquanto pesquisador na coleta dos dados, contribuindo para que informações históricas relacionadas a memórias docentes de ribeirinhos, no caso específico deste estudo, fossem concriadas/resgatadas.

Considerando as características multimetodológicas das pesquisas científicas, uma vez que segundo Mazzotti (2001, p.163) "usam uma grande variedades de procedimentos e coletas de dados", em que "a entrevista em profundidade e a análise de documentos são os mais utilizados", também consultamos, documentos oficiais (Certidão de Tempo de Serviço) da prefeitura municipal de Abaetetuba, com o intuito de analisar de forma mais

[7] Os nomes das professoras aparecerão no texto na íntegra, pois elas nos autorizaram a citar no artigo.

verídica as informações dadas pelos sujeitos da investigação, uma vez que pode ocorrer a omissão de alguma informação importante no momento da entrevista.

A análise de documentos se tornou também necessária, uma vez que "assim como ocorre com todas as outras fontes, a tarefa do historiador reside em fazer o cruzamento das informações, checando cada narrativa contra outras narrativas e outros tipos de fonte" (Portelli, 2016, p. 17-18). Os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados foram: celular para gravar, canetas, diário de campo, entre outros.

O uso desses instrumentos de pesquisa, neste estudo, teve o propósito de nos ajuda/auxiliar no resgate das memórias de duas professoras, entre as dez (10) professores (as) ribeirinhos que lecionaram na década dos anos 1970, considerados pelos moradores locais, ícones da educação na Amazônia Abaetetubense que, contribuíram com a escolarização da população ribeirinha do espaço territorial local. A escolha das professoras deu-se pelo fato de além de viverem em ilhas diferentes, também, foram mais fácil de localizá-las, tendo em vista que ambas são bem atuantes no seio das Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's)[8], o que possibilitou o contato e posteriormente a entrevista.

Referenciais teóricos serão também fontes decisivas para ajudar-me na construção da pesquisa, ajudando-nos na apropriação de conceitos e contribuindo como suporte de pesquisa, sobretudo na fundamentação de ideias e das entrevistas dos interlocutores, uma vez que "Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante [...] Muito mais que qualquer fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização" (Bosi, 1993, p. 277).

Assim, as entrevistas orais dadas pelos professores (as) ribeirinhas serão dialogadas com referenciais teóricos da memória, visando aprofundar os dados coletados e, analisadas a partir de fontes de estudos históricos, considerando-se que "o pesquisador deve enfrentar o fato de que uma história de vida, ou mil histórias de vida jamais substituirão um conceito ou uma teoria da História" (Bosi, 1993, p. 277).

Sendo assim, um dos referenciais teóricos discutidos e analisados nesta pesquisa, é a que trata de memórias, fundamentada sobretudo em estudos de Ecléa Bosi (1979, 1993) que ajudarão na fundamentação teórica e, sobretudo na apropriação de conceitos gerais deste campo de pesquisa.

[8] "O termo "comunidade" parece ter sido adotado por influência das chamadas comunidades eclesiais de base, pois [...] a Igreja Católica é muito atuante, e pelas ações políticas de mobilização e associação desses grupos para demarcação de terras" (O`Dwyer, 2010, p. 66).

3 O ESTUDO SOBRE MEMÓRIA

> Este registro alcança uma memória pessoal que, como buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal [...]. Suas memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz (Bosi, 1979, p. 1-3).

Rememorar o passado, não muito distante, de professores que iniciaram, na década de 70, o trabalho docente em comunidades ribeirinhas da Amazônia é reviver o passado de docentes com o "pouco" grau de escolarização e de teorias de conhecimento sobre alfabetização que tinham, e que ainda assim se disponibilizavam em dar o melhor de si para ensinar as crianças ribeirinhas no início da escolarização, quando da implantação das primeiras turmas de classes multisseriadas na Amazônia Abaetetubense dos anos 70. Período em que se aflora "O interesse em sondar as formas da memória social, despertado nos anos 70, tornou-se intenso nas ciências humanas" (Bosi, 1993, p. 277).

As memórias, na maioria dos casos, fazem reviver saberes, travessias, aventuras, angústias, sofrimentos, ou seja, coisas boas e ruins da difícil tarefa de ensinar na Amazônia dos anos 70. Mas geralmente lembramos, a todo momento, os bons momentos vividos. Considera-se que "A Memória, é sim um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo" (Bosi, 1993, p. 281). São essas histórias vividas que serão contadas neste artigo. Histórias de "lembranças individuas" (Bosi, 1993, p. 181) de professoras que fizeram histórias na escolarização de moradores ribeirinhos de Abaetetuba, Pará.

Essas histórias vividas são relatadas a partir da oralidade resgatadas pelas lembranças da memória. Segundo Ecléa Bosi (1979):

> A memória é um cabedal infinito do qual registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vívidas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão [..] Continuando a escutar, ouviríamos o outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso escutar o infinito (Bosi, 1979, p. 3).

É verdade que, nenhuma memória será contada na íntegra, como tudo realmente aconteceu. O que é lembrado são os fragmentos da história, como diz Bosi (1979). Desta forma, "A memória busca resgatar o passado. Contudo, é impossível resgatá-lo fielmente. Existem lacunas e perdas" (Lobato, 2014, p. 70). Na memória contada oralmente, aspectos importantes não serão lembrados e registrados, mas é conceptível para o estudo da temática que entende essa lacuna em toda pesquisa que busque fazer o resgate de memórias históricas.

Quando pesquisamos o passado de uma história contada sobre lembranças de fatos históricos ou acontecimentos vivenciados por um ou mais sujeitos, vamos compreender que "O passado não passou. Faz morada no presente. Recria o futuro. As lembranças permanecem na memória" (Lobato, 2014, p. 66).

Assim, o passado está em nós, ele nos acompanha a vida toda, somos fontes de memórias. Memórias acumuladas em toda nossa história de vida que "vai sendo construída pelo individuo em seu meio social" (Lobato, 2014, p. 71). Assim, busca-se, no próximo item, resgatar a história da educação nas ilhas de Abaetetuba, a partir dos relatos orais de duas professoras que deram o ponta pé inicial na escolarização dos moradores ribeirinhos das ilhas do município.

4 ÀS PROFESSORAS DA PESQUISA

As duas professoras, que trazemos para discutir neste estudo, fazem parte de um conjunto de 10 docentes contratados pelo Prefeito municipal da época, em meados dos anos 70, para desenvolverem o trabalho docente junto aos ribeirinhos de, pelo menos, das 10 ilhas de origem dessas professoras, isto por reivindicação dos moradores locais, por educação nas ilhas e pela presença do estado nas comunidades.

Em 1970, os ribeirinhos por meio de uma organização social encabeçada pela Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz, entidade responsável pela organização das igrejas católicas nas ilhas, e pelo próprio apoio e orientação aos ribeirinhos quanto a organização social e política, foram até a prefeitura municipal local exigir que a administração contratassem professores ribeirinhos, indicados pelos moradores locais em conjunto com a Paróquia das ilhas, para atuarem na formação/escolarização de crianças, adolescentes e jovens ribeirinhos até então sem frequentar escola formal a nível local. A esse respeito desta:

> [...] a comadre Graça já se aposentou, acho que tem uns dez anos de aposentado. Esse tempão que eles trabalharam todos tinham uma experiência muito boa, ela começou a dar aula, ela tinha a quarta série ela pegou vaga pra dar aula, ela é minha cunhada a comadre Graça, ela mora bem aí. Aí nós fumos daqui, nós selecionamos dez nomes das ilhas tudo das 62 comunidades e, o Bispo que era o D. Ângelo. A Câmara era aí na beira em cima da Prefeitura e tinha um pátio que funcionava a Câmara dos Vereadores e nós fumos com esses dez na mês até a Consola era uma delas, a Davina, a comadre Graça, tinha uma do Anequara, uma no Sapucajuba, aí nos ia daqui a remo pra lá, nós ia daqui um grupo de gente, naquele tempo a comunidade a gente andava a luta era em peso, dava muita gente, nós ia quando a gente chegava cedo assim nós ia primeiro lá na prelazia, lá onde o Bispo, para nós ir com ele, ele fazia café nós tomava aí

> ele conversava tudo com nós, nos orientava e quando nós chegava tarde, ele já tava lá nos esperando lá na Câmara, o Prefeito era o João de Deus, primeiro mandato do João de Deus e já tava coitado com pena de nós, da dificuldade que nos passava para ir, quando já uma noite ele apresentou o nosso documento pro João de Deus e ele não deu muita atenção, ele deu um murro na mesa e disse se você não contratar essas dez professoras que tamo pedindo pra você, hoje eu vou contratar pela Diocese e vai ser uma vergonha pra você como Prefeito, as professoras serem pagas pela Diocese e aí, a parceira? Esse João de Deus levantou e disse de agora em diante essas professoras estão contratadas, na paz e a palma ferveu. Olha vigia, hoje dessas dez, vigia hoje quantos tem mais de mil, aí começou uma atrás da outra, aí sabe como é, a necessidade vai surgindo o pessoal vão abrindo o olho e hoje Graças a Deus ta no pé que tá, mas foi primeiro as dez professoras que surgiu nas ilhas paga pelo Município. Foi nós que conseguimos a lutar pra conseguir né, elas já se aposentaram, já trabalharam 25 anos (Raimundo Clemente Ferreira Pereira, 2020).

A partir dessa demanda do povo ribeirinho, o poder executivo acatando a reivindicação dos moradores, contratou 10 professores para a difícil e comensurável tarefa de ensinar na Amazônia, tendo em vista as dificuldades de natureza diversa: falta de merenda escolar por conta da longitude em relação aos centros urbanos, sobretudo da região sul do país, responsável em distribuir a merenda para todo o país, no início da colonização e urbanização e dificuldade de acesso a muitas delas, material didático (nos anos 70 não existiam para serem usados pelos professores, transporte escolar, nem se falava naquela época, os próprios pais eram os responsáveis em levarem os filhos as poucas escolas existentes ou elas iam sozinhas a canoa a remo e, escolas sem prédios próprios, funcionando em casas dos próprios moradores ou barracões comunitários, professores desenvolvendo funções diversas: merendeira, servente, dentre outras, as turmas multisseriadas etc.

Destas 10 professoras, como falamos em parágrafo anterior, analisaremos a trajetória docente de 02 professoras que iniciaram a educação escolar formal no contexto das comunidades ribeirinhas de Rio Acaraqui e Genipaúba etc, Abaetetuba, Pará. Trata-se das professoras (Maria das Graças Santos Pereira e Davina Santos Carvalho), ambas com idade, respectivamente, 73 e 77 anos de idade, aposentadas a um tempo mais de 10 anos da profissão docente. Quando de sua formação concluíram o antigo 2º grau, muito depois de iniciado o trabalho docente, mas quando iniciaram seu trabalho docente, na década de 70 possuíam apenas a 4ª série do ensino fundamental. Exigência que era permitida para ser docente naquela época.

5 O QUE DIZEM AS PROFESSORAS SOBRE SUAS MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA

Dedicamos esta parte da pesquisa para apresentar e lembrar como as professoras lidam com as memórias e experiências vividas com o trabalho docente, diretamente no "chão" da escola, dado a relevância de se resgatar a trajetória da educação nas ilhas de Abaetetuba, trazendo como fonte de pesquisa, os relatos orais de docentes que iniciaram o processo educativo é, sem sombra de dúvidas, um dos maiores achados na educação e no processo educativo de moradores ribeirinhos, uma vez que "Cada professor carrega consigo experiências e conhecimentos construídos ao longo de sua vida pessoal e profissional" (Elias, Oliveira, Fernandes, 2011, p. 13).

A partir dos dados orais coletados junto as duas professoras que fazem parte da história da memória docente dos anos 1970, período em que iniciaram os seus respectivos trabalhos docentes nas ilhas de Abaetetuba, Pará, mostram como elas desenvolviam o trabalho docente nas comunidades onde foram contratadas para trabalhar na docência. Nas falas das professoras são possíveis identificar que para realizar o trabalho docente, tinham alguns obstáculos, mas que nem por isso deixaram de executar o processo educativo nas comunidades, apesar disso, "apreende-se dificuldades, sonhos, frustações, contradições e superações compartilhadas [...] para alcançar o domínio dos códigos do mundo letrado" (Pacheco, 2013, p. 44).

Para alcançar os objetivos do estudo, buscamos trazer a trajetória da escola e da educação nas ilhas de Abaetetuba, na década de 1970, onde algumas questões serviram de pano de fundo para a pesquisa, tais como: quando iniciaram a docência? Que formação tinham na época? Que currículo seguiam, se é que tinha? como era a escola? quais dificuldades eram encontradas para a efetivação da educação junto as crianças? Foram esses questionamentos que fizeram emergir a proposta deste artigo e as questões colocadas tentaremos responder a seguir.

6 À DOCÊNCIA: COMO TUDO COMEÇOU

Conforme informados pelas professoras pesquisadas, à docência teve início na década de 1970, mais especificamente, nos anos de 1972 para algumas docentes entrevistadas. O trabalho começou nas comunidades de forma voluntariado, mais tarde, isto é, dois anos depois (1972-1973), passaram a ter contrato firmado com a Diocese de

Abaetetuba (1974-1976), e, por fim, foram contratadas pela Prefeitura de Abaetetuba[9] (1977 até a aposentadoria) para trabalhar a educação de forma formal, contrato esse firmado até suas aposentadorias.

Como destacado, as professoras antes de se aposentarem, tiveram que desenvolver o trabalho voluntariado, pela necessidade de alfabetizar os ilhéus das comunidades, bem como, desde muito cedo já tinham comprometimento com a realidade local e com escolarização dos moradores ribeirinhos. Pois se disponham a alfabetizar sem ganhar nenhum valor por isso.

7 CONTEXTO DA ESCOLA: MEMÓRIAS DO ENSINO E DA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO RIBEIRINHA

Concentramos e dedicamos nossa discussão, desta temática, para falarmos da realidade da escola e da educação em um contexto de ausências de políticas públicas educacionais, sobretudo, para o contexto Amazônico[10].

Apesar de a educação se fazer presente nos anos 1970, nas comunidades ribeirinhas pesquisadas, mas era uma educação com ausência de no mínimo necessário para se alfabetizar, a começar pela escola que funcionava em casa cedido pelas próprios professoras ou pelos moradores e/ou barracão comunitário. Neste espaço, as docentes eram responsáveis por tudo, além de ensinar às crianças. Eram serventes, merendeiras, faxineiras, mães, vigias, professoras de turmas multisseriadas etc. Esta era a realidade da educação na Amazônia dos anos setenta, e não era diferente do contexto em que o trabalho docente era executado pelas professoras desta pesquisa. Sobre o início do trabalho e das funções que desenvolviam nas ditas “escolas”, destacam as professoras:

> Em 1972. Eu trabalhei voluntariamente, né? Aí depois a diocese deu, começou a dar uma contribuição pra gente né e a gente começou a luta pra conseguir que o município pagasse, porque não era pra diocese era pro município. Aí, foi aí nessa luta que nós conseguimos em 1977, fui contratada, não sei as outras, mas acho que as outras é do mesmo tempo, aí eu fui contratada pra trabalhar. E aí a gente começou a trabalhar, a gente colocou, tentou, aula pros adultos, porque eles também tavam tudo... Eles nunca tinham tido professor aqui embaixo na média, tinha, mas aqui

[9] Como destacado na introdução deste artigo, foram os moradores e Diocese de Abaetetuba que conseguiram a efetivação (contrato) das professoras pela prefeitura.

[10] “Até a primeira metade do século XX, a Amazônia permanecia distanciada dos centros urbanizados e a conexão com o mundo desenvolvido se dava, fundamentalmente, através do fornecimento de produtos extrativos. Inicialmente com as chamadas “drogas do sertão”, seguindo-se a exploração da borracha de seringueiras nativas, que teve seu auge nas primeiras décadas desse século. Nas imagens construídas sobre a região até meados desse século, destaca-se o assombro com a imensidão da floresta e seus imperativos sobre os povos, originais ou migrantes, que nela vivem, interagem e aprendem a enfrentar seus desafios” (Silva, 2020, p. 220).

> embaixo não tinha. Então, aí, nós conseguimos um tempo que os adultos estudassem alguns deles se alfabetizaram, outros não, porque outros cansavam era noite, não gostavam e de dia estava trabalhando, né? Aí, ficava difícil mas, graças a Deus, eu dei aula, eu acho que eu, tanto eu como as outras. Eu era professora, presidente, faxineira, secretária e dava aula dava aula pra alfabetização 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série nessa época (Professora Davina Santos de Carvalho)

> Olha eu iniciei o trabalho, eu não era formada ainda, porque aonde eu morava que era no Genipaúba, aí de lá que eu vim praça, ai lá onde eu morava não tinha ninguém pra dar aula, não tinha professor nenhum, e aí a turma tava tudo crescendo sem saber nada. [...] aí o padre começou o trabalho de comunidade, o padre Sebastião disse que era necessário que houvesse uma pessoa para ensinar, só que quem sabia um pouco era eu, aí ele me colocou pra trabalhar, a Diocese ficou me pagando, não pagava tudo, dava uma contribuição pra mim fazer o trabalho, depois veio, ele veio na Prefeitura, já foi o padre Antônio, veio na prefeitura, veio exigir que contratasse, era eu e mais 5 colegas. Aí eles nos contrataram pra trabalhar, aí depois que eu fui contratada eu continuei estudando, aí eu continuei meu estudo no São Francisco Xavier, aí lá que terminei os estudos. Eu não cheguei a fazer universidade porque eu já estava muita velha, aí eu não quis me atrapalhar com a universidade. O trabalho da Diocese nos anos 86 por aí, não minto em 77 eu passei pro município. Então foi aí os 70, nos anos 70 por aí, aí em 77 eu fui contratada (Professora Maria das Graças Santos Pereira).

Pesquisa realizada em 2002, mas publicada em 2005 por Hage, denunciam os mesmos problemas enfrentados e existentes na década de 1970, conforme relatados pelas professoras investigadas nesta pesquisa, segundo Hage:

> Identificamos através dos depoimentos explicitados que as condições adversas presentes no cotidiano das escolas multisseriadas, impõe aos professores uma sobrecarga de trabalho, forçando-os a assumir um conjunto de outras funções, para além da docência na escola. Entre as funções diagnosticadas na investigação, encontram-se as de faxineiro, líder comunitário, diretor, secretário, merendeiro, agricultor, agente de saúde, parteiro, etc (Hage, 2005, p. 50).

Do mesmo modo, Loureiro apresenta resultado de pesquisa realizada entre os anos de 1940 a 1990 que mascaram a educação na Amazônia, segunda a autora, os professores são polivalentes, uma vez que:

> Nessas classes multisseriadas a professora ministra as aulas, ao mesmo tempo em dá assistência aos seus próprios filhos pequenos, prepara a comida da família, atende à porta, fala com vizinho, etc. Nesse ambiente absolutamente inadequado a uma educação de qualidade, crianças das mais variadas idades e diferentes níveis de aprendizagem procuram realizar, com sua professora, o milagre de dominar a leitura, a escrita, a compreensão dos textos e da vida (Loureiro, 2007, p. 27).

Quando indagados sobre à escola, em um só tom, as professoras disseram que o espaço onde funcionava às aulas, tratava-se do barracão da comunidade, as duas professoras confirmam esta forma de funcionamento, que sem cobrar nada pelo espaço, a comunidade cedia o espaço para as professoras lecionarem. Nesse sentido, as mesmas mencionam: “Não, eu comecei a dar aula, eu comecei a dar aula [...] era no Centro Comunitário era” (Professora Maria das Graças Santos Pereira). E acrescenta a professora (Davina Santos de Carvalho) “Era um prédio que nós tínhamos, era um barracão, um barracãozinho da comunidade, que nessa época a gente já estava muito devagar, mas dentro de um barracãozinho e lá a gente dava aula”.

Os depoimentos coletados, são a prova viva de como era difícil ensinar na Amazônia, sobretudo na Amazônia Abaetetubense em que, nem espaço físico existiam para comportar os alunos e necessário para se realizar o trabalho docente, com mínimo de dignidade possível de aprendizagem.

Ao nos relatar o contexto do currículo, especificamente, as entrevistadas, ressaltam que não existia um documento orientador, que os pudessem indicar caminhos e nem orientação metodológica que subsidiassem à prática docente, oriundo da Diocese ou da Semec (Secretaria Municipal de Educação) do município de Abaetetuba, Pará, isto é, os professores executavam o trabalho docente sem uma orientação curricular. Por isso, desenvolviam o trabalho como achavam que deveriam fazê-lo. Nas falas professoras, mostramos como faziam seus respectivos trabalhos da docência, ao destacarem:

> No começo a gente fazia como podia fazia cartaz de vinho e colocava na parede para ensinar as crianças, aí depois começou a vim a pasta do A B C, depois pra outras séries, mas era muito precário, não tinha merenda aí quando tinha [...]. Depois veio a merenda, mas no começo não tinha aí era eu que fazia a merenda eu tinha que ir cedo pra escola, porque o barracão não era fechado, né? Veio as galinhas, a mulher só que tinha a casa bem do lado as galinhas iam pra lá e a gente fazia o que mais ficava Às vezes tinha algum resto de merenda por lá xiscar, aí eu tinha que chegar cedo pra limpar tudo, pra quando os crianças chegassem já tava, passei um bocado de trabalho, mas graças a Deus, eu dou graças a Deus os dias, porque foi vitoriosa acredito que foi vitoriosa, porque dentro de uma situação dessa é só Deus na causa da gente (Professora Davina Santos de Carvalho).

Dado não somente a ausência do currículo, mas também de livros didáticos, como destaca (Davina Santos de Carvalho) “No começo, não. Depois, mas no começo, não tinha” e merenda escolar, os alunos realizavam a tarefa do professor em seus próprios cadernos, construídos pelos próprios pais, a partir de folhas de papel com pauta, onde dobrando uma folha em dois, cortavam-nas e costuravam ao meio, faziam-se quatro folhas de cadernos,

onde registravam as atividades escolares das professoras. Sobre a ausência de material didático e merenda escolar, relata a professora Maria das Graças Santos Pereira:

> É quando eu comecei a trabalhar, era muito difícil. Eu não tinha nem material para plano de aula, sabe? Aí a diocese me arranjava uns livros, aí eu fazia pesquisa e aí assim eu ia dando aula. Depois que eu passei para o trabalho no município, aí já melhorou mais porque já tinha, já tinha os conteúdos, era fornecidos os conteúdos para trabalhar. Agora era precário a questão da merenda escolar, né, que não tinha. Quando o tinha era era besteira, era pouco quando eu comecei a trabalhar. E também o não tinha. Não tinha escola, não tinha o local adequado, não tinha carteira lá onde eu comecei a trabalhar um dia daí preparo umas bancas, uns bancos, sabe? Aí assim eu trabalhava (Professora Maria das Graças Santos Pereira).

Em meio a tantos desafios, mostrados nos relatos de depoimentos orais enfrentados por cada uma das duas professores, mas que não fizeram-nas esmorece-las na tarefa de ensinar. Em meio a tantas dificuldades, existiram as possibilidades, as estratégias e modos de organizarem metodologias próprias, de fazem o conhecimento chegar a cada um de seus educandos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada junto às professoras ribeirinhas de Abaetetuba, possibilitou-nos a entender como se deu o início da escolarização nas ilhas do município, buscando empreender um esforço de registrar a memória desse momento histórico de como se dava todo o processo de alfabetização a partir de relatos orais de professoras que realizaram e fizeram parte deste processo educativo nas ilhas.

Parte da história está aqui contada, muitas outras poderão surgir para complementar este estudo, que não se esgota aqui. Mas com certeza, será o início dos registros de uma educação que aconteceu nos meandros dos rios da Amazônia, especificamente, nos rios Acaraqui e Genipaúba. As histórias aqui contadas, não foram inventadas, mas concriadas, registradas e transcritas diretamente na íntegra a partir de relatos orais de professoras aposentadas que iniciaram a docência no contexto local.

Os depoimentos orais foram fundamentais e decisivos para a construção histórica da educação nas ilhas de Abaetetuba, na década de 1970, mapeando e contribuindo para sistematização de uma pesquisa com foco na memória de professoras, registrada a partir de dados de depoimentos de fontes orais que contaram com precisão a realidade da escola e da educação em tempos passados, rememorados pela oralidade do presente.

Os dados empíricos dialogadas com os referencias teóricos mostram o quanto importante foi o resultado da pesquisa, pois as professoras rememoraram o passado do

trabalho docente, trazendo o contexto da escola, que não era escola, com prédios próprios, como trabalhavam, sem um currículo, sem livros e sem merenda escolar para oferecerem aos alunos que frequentavam a escola.

Na verdade, elas faziam “milagre”, porque ensinar sem o mínimo necessário não era tarefa fácil de se realizar, nos anos 1970, sem apoio didático e pedagógico, sem formação sobre teorias de aprendizagens que os pudessem qualificar para melhor trabalhar a alfabetização com seus educandos. Mesmo assim, conseguiam alfabetizar seus alunos, como nas próprias falas, confirmam, o aprendizado adquiridos pelos estudantes em suas turmas.

Com base nos relatos orais, percebemos que o trabalho docente realizado no contexto desta pesquisa era majoritariamente exercido por professoras, isto é, à docência era um ofício feminino, pois as mulheres em sua maioria dedicavam ao trabalho de ensinar as crianças nos anos de 1970.

A presente pesquisa também nos permite concluir que as professoras mostram o quanto era difícil o trabalho da docência, sobretudo quando iniciaram o magistério docente nos anos inicias do ensino fundamental em suas respectivas ilhas, destacam a falta de merenda, de material didático, como a inexistência de livros, da própria escola que não tinha, os locais precários onde as aulas aconteciam, com espaços improvisados e cedido pela igreja católica como era o caso doa barracões comunitários. Além disso, realizam o trabalho docente em turmas multisseriadas em que eram professoras, merendeiras, secretárias etc.

Outro aspecto observado na pesquisa é que pelo fato de serem as “únicas” moradoras de suas localidades que tinham a formação escolar a nível de quarta série (4ª) do ensino fundamental. Na época essa formação era sinônimo de prestígio, e permitido para ser professora, dado a falta de formação de sujeitos com essa escolarização no Brasil como um todo. Por esse motivo acreditamos que foram escolhidas para desenvolver o magistério nas ilhas de Abaetetuba-Pará.

O estudo mostrou que apesar dos desafios e dificuldades enfrentados pelas professoras pesquisadas, no início da docência, não os desanimou na tarefa de ensinar os filhos dos ribeirinhos das comunidades de pertencimento, continuaram o trabalho docente até suas aposentadorias, pois além do trabalho voluntariado, como destaca a professora Davina Santos de Carvalho, foram contratadas pela Diocese de Abaetetuba, recebendo apenas uma remuneração que não era salário e mais tarde foram efetivadas pela administração municipal, Prefeitura de Abaetetuba para continuarem o trabalho docente até a idade de se aposentarem por tempo de serviço.

Assim, percebemos que as professoras pesquisados tiveram um papel importantíssimo no início da escolarização dos alunos ribeirinhos, contribuindo com a formação escolar desses sujeitos e, sobretudo, com a formação exercida nas suas próprias comunidades. Não desistiram da tarefa de ensinar e nem de levar a escolarização formal aos nossos alunos ribeirinhos da época. São professoras que tiveram relevância na educação municipal local. E esta pesquisa teve o papel de resgatar, como destacado no objetivo, o trabalho docente realizado nos ano 1970 por tais professoras, pois neste artigo, elas serão lembradas e eternizada pela contribuição que deram ao trabalho docente realizado nas ilhas de Abaetetuba, sobretudo na década de 1970.

REFERÊNCIAS

ABAETETUBA. **Prefeitura.** Certidão de tempo de serviço, 1993.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BOSI, ECLEA. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** T. A. QUEIRÓS, EDITOR, LTDA. São Paulo, 1979.

BOSI, ECLÉA, A pesquisa em memória social. **Psicologia USP**. São Paulo, 1993, p. 177-284.

ELIAS, Lina Gláucia Dantas; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; FERNANDES, Roseana Reis. Memorias de professoras ribeirinhas. In: ELIAS, Lina Gláucia Dantas; OLIVEIRA, Mara Rita Duarte de; FERNANDES, Roseana Reis (Orgs). **Memória e docência: experiências formativas em Abaetetuba,** 2011, p 13-25.

HAGE, Salomão Mufarrej. Classes multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica. In: HAGE, Salomão Mufarrej (Orgs) **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das Escolas Multisseriadas no Pará**, 2005, p. 42-60.

LOBATO, Vivian da Silva. Educação, Memória e História: Possíveis enlaces. **Revista Margens**, v. 8, nº 10, 2014, p. 65-75.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Educação e sociedade na Amazônia em mais de meio século. **Revista Cocar**, 2007, v. 01, n. 1/jan/jun, p. 17-45.

O`DWYER, Eliane Cantarino. **O papel social do antropólogo: aplicação do fazer antropológico e do conhecimento disciplinar nos debates públicos do Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

PACHECO, Agenor Sarraf. No rastro da memória: trajetórias e desafios da educação em Melgaço-Pa. In: ABREU, Waldir Ferreira de; OLIVEIRA, Damião Bezerra; SILVA, Érbio dos Santos (Orgs). **Educação ribeirinha: saberes, vivencias e formação no campo.** Belém-Pará, 2013, p 43-69.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. **Identidade étnica, formas de enquadramento institucional, modos de fazer e práticas de uso dos ribeirinhos Amazônidas: o caso do *assentamento quilombola* na ilha de Campompema, Abaetetuba, Pará.** (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFPA, Belém-Pará, 2023, 230 p.

PORTELLI, Alessandro. História Oral: uma relação dialógica. In: **História Oral como arte de escuta.** (Tradução Ricardo Santhiago). São Paulo: Letras e Vozes, 2016, p. 9-24.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira: a arte multifocal da história oral. In: **Ensaios de história oral.** (Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago). São Paulo: Letra e Voz, 2010, p. 19-35.

SILVA, Maria Dolores Lima da. A Amazônia e o desenvolvimento: aspectos da trajetória das políticas públicas na região. **REB - Revista de Estudios Brasileños I**, Volumen 7 - Número 15, 2020, p. 219-232. Disponível em: https://repositorio.ufpa.br/bitstream/2011/13743/1/Artigo_AmazoniaDesarrolloAspectos.pdf . Acesso em: 20/05/2024.